

Fm a 575

REVISTA PROLETARIA

Anno 1

ORGAM DE CULTURA PROLETARIA

Num. 1

Director responsavel: MARIO GRAZINI

JANEIRO 21 DE 1926

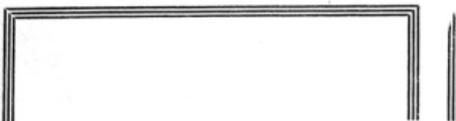
SUMMARIO :

Aos Proletarios — A REDACÇÃO;
Partido e Revolução — L. XAVIER;
Segundo anniversario da morte de Le-
nine — SPARTACUS: Situação Bra-
sileira — KARL KRIEG; Breves consi-
derações sobre a Conferencia de Lo-
carno — D. S.; A Biblia... delles —
CASTRO REBELLO; Corresponden-
cia.



Publicação Mensal

Num. avulso - \$300



Vêde como é pobre a nossa "Revista Proletaria"?

Pois bem, é feita por trabalhadores, que são vossos companheiros de captivo e que procuram libertar-se do regimen burguez.

Se quereis que a nossa revista viva e prospere, se quereis vossa liberdade, deveis unir-vos a nós e ajudar-nos na luta que ora iniciamos para a conquista da nossa libertação.

A Revista Proletaria espera o vosso auxilio. Recebemos toda e qualquer contribuição que os nossos camaradas queiram nos dar.

A Redacção.



AOS PROLETARIOS

Proletarios brasileiros, e para nós são todos os que, sendo embora os productores e não tirando de seu trabalho senão a parte estritamente necessaria para recuperar as forças physicas dispendidas precisamente nesse trabalho, afim de poder continual-o a produzir, todos os dias, isto é, os assalariados, — aqui vivam, hajam entretanto nascido em Portugal, ou Italia, na China ou na Turquia. — é vossa essa revista. Tomai-a, levai-a para a frente, fazei della um orgam de vossas aspirações de classe e a voz de combate e de defesa em pró dos vossos interesses, mesmo dos vossos interesses mais imediatos. Esta revista só pode viver do vosso acolhimento. Precisa do vosso auxilio que é o unico com que ella deve contar, pois, a viver á custa das classes burguezas, perderia a razão de sua existencia. Desamparada pelos proletarios, morrerá. E' o lançamento della, portanto, uma prova de confiança no proletariado do Brazil.

* *

Desejamos, é de absoluta necessidade, que a nossa revista seja uma obra collectiva, — de todos os trabalhadores conscientes, um orgam de classe, um instrumento de cultura, inspirado na doutrina que Marx construiu e que Illitch experimentou, victoriosamente. Será o marxismo, restaurado em sua vitalidade por Lenine, o methodo incomparavel com que guiaremos o nosso esforço intellectual, com que queremos levar á consciencia do proletariado a noção fundamental de seu destino historico e a comprehensão systematisada de seus profundos, de seus verdadeiros interesses. Sem a luz do marxismo iríamos nos perder nos desvios das doutrinas burguezas, labyrintho de confusionismo, de meias medidas, de preconceitos, de vagos idealismos nefastos, elaborados, pelos intellectuaes burguezes, em beneficio exclusivo das classes dominantes, cuja situação privilegiada legitimam e defendem, para uso externo, como preventivo ao descontentamento justo das massas, para uso exclusivo do proletariado, afim de que a actuação deste seja sempre inoffensiva, para que continue a ser, indefinidamente, o que hoje é: uma maioria opprimida, porque sem consciencia. E porque sem consciencia, maioria que produz, sujeita á minoria, que explora, ma-

ioria, e porque maioria, que tem a força dominada pela minoria, cuja força e cujo dominio residem precisamente na inconsciencia e na passividade daquella. E essa maioria, assim adormecida, é como uma força da natureza, — inconsciente das formidaveis energias de que dispõe: é o numero e parece ignorar que o numero, queiram ou não queiram os intellectuaes de meia pataca, feticchistas do *Espírito* (com e maíusculo), — é a força, e a força é tudo: o poder, a riqueza, a ordem, a cultura, a civilização.

Despertar, na medida de nossas forças, essas energias que dormem, sobretudo no seio da classe operaria, faz-la sentir o dever social de reivindicar, em todos os terrenos, os seus direitos historicos, é o nosso programma, a alta finalidade desta revista.

E é nesse estado de inconsciencia que, infelizmente, em sua enorme maioria, até hoje tem vivido o operariado brasileiro: sem cohesão, amorpho, sem uma base commum de interesses que lhe dê uma unidade concreta e lhe seja o ponto de partida para a sua actuação como collectividade, e finalmente, para tudo resumir, — ainda inorganizado

Assim, para que haja o espirito de classe, para que de facto seja a classe operaria do Brazil uma classe organizada — é preciso que o operario saia de seu isolamento, reaja contra essa maneira individualista de viver, que é mera tara burgueza. O operario brasileiro, por si só, tomado, cada um, isoladamente, ainda na maneira de viver e até na de sentir e de pensar é um pequeno burguez. Como, pois, desfazer essa semelhança deprimente que subordina o proletario ao pequeno burguez, que faz daquelle um copiador servil, sem originalidade, deste, e deste, oh irrisão, o alto typo social em que aquelle se mira, aspirando imital-o? Como evitar, pois, toda e qualquer confusão, no Brazil, desgraçadamente ainda possivel, da classe operaria com a pequena burguezia, essa classe amphibia, classe sem caracter, que vive perpetuamente a oscillar, ao léo das vicissitudes economicas, sociaes, financeiras, mesmo, que dominem, entre a grande burguezia, até agora poderosa demais, para vacillar, acastellada nos seus

privilegios, encravada na rocha da sua riqueza e de seu poder e o proprio proletariado, que ainda balbucia as primeiras palavras de sua cultura e ainda está engatinhando, nos primeiros passos de sua actividade social e politica?...

Indo, primeiramente, o operario procurar, no seu companheiro de classe, a solidariedade necessaria para a luta quotidiana, em defesa de seus immediatos interesses, constantemente ameaçados pelo mecanismo mesmo do regime, que divide a sociedade em classes de interesses irremediavelmente contrarios. Procurando encerrar, de um modo systematico e ininterrupto, o interesse de cada operario, em si, sempre de um ponto de vista geral, colectivo, do ponto de vista de todos os operarios, em conjuncto, e defendel-o, sempre, desse ponto de vista. Para isso, o que é mister? O organismo proprio, marcado indelevelmente pelo signo de classe, feito para aquella função essencial de definir o interesse do proletariado, dando, primeiramente, ás reivindicações do proletario — um cunho colectivo, de classe, distinctamente marcado do das outras classes, depois, — a elevada significação de um programma social, a ser realisado, e, finalmente, até a transcendência e a profundeza de um problema historico a resolver-se: o syndicato.

Porque, sem a sua organização como entidade collectiva, sem esses organismos profissionais e educacionais necessarios á função social, que tem a desempenhar, sem syndicatos, sem partido nitidamente, intransigentemente proletario, — órgãos vitaes para a vida collectiva e futura do trabalhador — como lutar a classe operaria contra as classes burguezas, incomparavelmente mais bem organisadas, mais ricas, mais cultas, mais poderosas, e privilegiadas, que contam com o poder coercitivo do Estado, cuja função é precisamente sustental-as, defendel-as?...

E ainda para agir, para sentir, para pensar diferente da pequena burguezia — é de todo imprescindivel — que, dentro dos syndicatos, o operariado se integre totalmente numa ideologia propria, absolutamente differenciada da burguezia. Ideologia tirada embora das relações economicas contemporaneas e da sciencia burgueza, por sabios burguezes (mas sabios que não tiveram medo de ir ás ultimas e verdadeiras conclusões de suas investigações, de suas esperiencias, de seu estudo), nasceu

entretanto, da luta contra a miseria das massas engendradas pelo capitalismo. (1) Ideologia que determina melhor do que qualquer outra a causa dos males do proletariado (2), coincide com os interesses vitaes deste, legitima as aspirações das massas, incita, como um dever, os proletarios á luta social e, sobretudo, revelou na previsão do desenvolvimento ulterior do *processus* economico, a estes, a formidavel missão historica a que estão destinados, de transformar o regime social de propriedade individual, sob que vivemos, num regime de propriedade collectiva, onde uma nova civilização, menos anarchica, mais justa e mais luminosa ha de succeder a esta que, ora, agonisa, e cuja prolongada agonia estamos assistindo, sem pesar e sem tristeza — é a ideologia communista. Armado com esta doutrina, a consciencia de classe dos trabalhadores nunca se ha de turbar com illusões reformistas, com a estreiteza egoista de certas doutrinas que só visam o interesse immediato, como o trade-unionismo, (que nunca ha de libertar o proletario do jugo capitalista) e conduzem fatalmente o trabalhador á contaminação da ideologia burgueza, apagada nelle sua dignificadora origem de classe, tornando-o pequeno burguez. Trata-se, pois, unicamente de escolher entre a ideologia (3) burgueza e a ideologia communista. E esta é a tarefa dessa revista. E esta tarefa, com a das organizações profissionais e politicas proprias, é o problema fundamental da classe operaria no Brasil.

Organização e educação. Syndicato, partido e doutrina rigorosamente de classe. E só a ideologia communista pode dar aos espontaneos e naturaes movimentos proletarios no Brazil, movimentos, por assim dizer, reflexos, originados empiricamente das necessidades economicas, — a consciencia condenadora precisa, para, hoje, levar as massas á satisfação dessas necessidades e, amanhã, ao triumpho politico definitivo, conduzil-as, gloriosas, redimidias, vencedoras.

E', pois, da propria vida do operariado que vae viver nossa revista, na esperança remota ou proxima, daquelle dia, que ha de vir.

(1) Lenine — "Que faire", citação de Kautsky.

(2) Lenine — "Que faire".

(3) idem.

PARTIDO E REVOLUÇÃO

A fatalidade historica quer que, no auge mesmo do seu desenvolvimento, as forças productoras da sociedade incluíam os germens da propria decomposição. As suas formas, isto é, o seu modo, as condições de produção da vida material entram em conflicto com as formas de propriedade que, até então, lhes serviam de expressão e que constituem a base economica dos phenomenos mais complexos da vida social (estado, direito, religião, arte, etc.)

A este momento, a superstructura social constituída por estes phenomenos, é abalada e emfim, destruída, para dar logar a uma nova forma de consciencia social determinada pela revolução.

Pela conceituação desse momento, pela concepção das situações revolucionarias, é que se afere a deformação do marxismo operado pelo socialismo democratico e pelo syndicalismo revolucionário.

Partindo da idéa de que a economia capitalista crea incessantemente as condições elementares da revolução, ambos concluem pelo automatismo della (revelação permanente). O primeiro, concebendo as situações revolucionarias, como resultado de uma evolução systematica que vem findar num conflicto entre a ideologia tradicional e a ordem social; o segundo, entendendo-as como epochas em que a technica industrial entra em contradicção com o modo de organização da sociedade.

Assim, o problema que se propunha o socialismo revolucionário, antes da guerra, reduzido dest'arte a um mero fatalismo economico,

era o da criação, dentro do molde burguez, das condições ideologicas e technicas da revolução, tida como criação espontanea do capitalismo.

Veio a guerra e com ella a derrocada da II Internacional. A Lenine coube a tarefa historica de restaurar o marxismo, no seu caracter de doutrina economico-politica da acção revolucionaria.

A concepção leninista das situações revolucionarias é a do agrupamento de *todas as classes opprimidas* em torno do proletariado armado, — *agrupamento occasional* — cujo momento é, naturalmente, determinado pela catastrophe economica, mas sendo longamente preparadas as massas, no periodo pre-revolucionario, por uma organização politica nascida da classe essencialmente revolucionaria — o proletariado.

Este é o valor incomparavel da individualidade de Lenine: ter retomado o thema marxista da guerra de classes, não confinado na noção de luta de classe pelas reorganizações operarias, dentro do quadro fornecido pela burguezia, mas, antes — distinguindo uma da outra, observando do ponto de vista tactico, no interior da sociedade capitalista, as relações do proletariado com as outras classes capazes de rebellião (camponezes, classes armadas, classes medias), forjando o instrumento revolucionario — o partido communista — consciente e inflexivel, para o estabelecimento da dictadura do proletariado

SEGUNDO ANNIVERSARIO DA MORTE DE LENINE

21 de Janeiro 1924

21 de Janeiro 1926

Commemora-se hoje o segundo anniversario da morte do maior revolucionário social e da mais genial mentalidade politica: Vladimiro Ilich Ulianof.

Ha dois annos, isto é, a 21 de Janeiro 1924, a morte golpeou com sua inquebrantável foice o Homem cuja vida foi uma serie de sacrificios e lutas pela revolução proletaria.

Esse golpe, esperado pelo estado de sua saude, produziu no coração do proletariado e dos sympathizantes de Lenin de todo o mundo inconcebível dôr.

No dia de hoje, essa dôr renova-se pela nostalgia de sua existencia. Renova-se mais, do que nos dias de hontem e do que nos dias de amanhã, porque hoje é que se regista o *dia da catastrophe* que eu quero chamar "Dia da dôr Proletaria", porque nos relembramos dos factos mais tristes, dos soffrimentos e do sangue proletario que custou a libertação da Russia, á testa da qual estava Lenin, e Lenin morreu. Recordamo-nos de Lenin nos Congressos da Internacjonal Communista. — Num destes últimos Congressos, Lenin que já estava bastante enfermo, não fez senão um rapido apparecimento para saudar os delegados communistas de todo o mundo e entretel-os brevemente sobre a situação russa. O commovente recebimento que lhe foi feito então, deu a precisa sensação de todo o affecto que Lenin soube, com sua vida de sacrificios e lutas pela revolução proletaria, suscitar em todos por sua pessoa e mais ainda pela grande Idéa que elle representava. —

Relembramo-nos mais delle hoje, do que nos dias de hontem e do que nos dias de amanhã porque estes são tomados pelo occupação de levar para frente, de fazer comprehender e defender a obra que Lenin iniciou e ensinou o caminho de sua realisação.

Dois annos se passaram; porém, nos sentimos sempre junto delle. Verdade é que não ouvimos mais a voz do Homem que tão alto elevou a idéa da classe operaria, não o vemos mais falar aos proletarios, mas, para substituir sua

inexistencia material ficou sua monumental Obra e seu genial pensamento cravados na consciencia de todos aquelles que o acompanharam na renhida luta, os que o ouviram e os que o interpretaram através dos livros e dos jornaes.

Os milhões de trabalhadores de todo o universo hoje repetem um só nome: Lenin.

Lenin pela liberdade e pelo poder proletario.

Lenin foi, indiscutivelmente, o homem mais amado e contemporaneamente mais odiado de todo o mundo. Desse odio ha muitas e muitas provas. E bem o affirmava, Preobrajenski, falando da morte de Lenin e que a "Correspondance Internacionale" transcreveu: "Os nossos inimigos estão jubilando. Os mais idiotas entre elles habituaram-se a identificar de algum tempo para cá o boletim da saúde de Lenin com o da saúde de nossa dictadura proletaria..."

Quando Lenin morreu todos os seus adversarios, isto é, os que hoje os são de seus substitutos, riram sarcasticamente das lagrimas de pezar que os proletarios derramaram.

Riram, na esperança de que a Russia e os proletarios, orphãos de Lenin, abrissem as portas dos archiducacs palacios aos ancestraes tyrannos, e consentissem ao capitalismo de recolocar a redea nos proletarios.

Tremenda decepção.

A morte de Lenin foi, é verdade, uma grande perda para o proletariado internaciona, mas não se illudam os inimigos da Russia e os inimigos da Revolução Proletaria.

Não voltaremos atraz.

Não desillusão tivemos sufficientes provas, pois dois annos já se passaram da morte de Lenin e sua Obra caminha a gigantescos passos. A Revolução proletaria, iniciada em Outubro de 1917, na Russia dos Soviets, marcha intrepidamente e a reacção, além de seus pseudo-successos, não lhe deterá o caminho.

A direcção do Governo dos Soviets e da Internacjonal Communista ha homens que foram preparados por Lenin e d'Elle aprende-

ram o alto significado do dever e do sacrificio, e continuarão, com indomável energia, a luta até o triumpho definitivo.

Sinto, e comigo sentirão todos os proletarios do Brasil, por motivos sabidos, não nos ser permitido render a justa homenagem que devíamos prestar ao Grande Mestre Extinto.

Mas na impossibilidade de homenageal-o conforme nossos desejos, vá ao Grande Câmara do nosso melancolico cumprimento e aos seus substitutos as nossas sinceras felicitações e toda a nossa fraternal solidariedade.

OS DEVERES DOS LENINISTAS

Os que assumiram o compromisso e o dever de diffundir as theorias de Lenin e as de Marx são os que hoje se chamam marxistas leninistas.

Deante da morte de Lenin as responsabilidades dos marxistas leninistas se tornam maiores. E hoje como anniversario de sua morte convem repetir, as clausulas de nossa responsabilidade, cujo cumprimento juramos, mesmo a custa dos mais duros sacrificios, isto é, as que foram enunciadas por Zinoviev, por occasião da morte de Lenin, aos marxistas leninistas da União dos Soviets.

Os marxistas leninistas, os quaes devem dirigir o movimento proletario internacional, sem a guia do nosso incomparavel Mestre e Chefe, se acham á frente de uma grande tarefa politica, theorica e pratica.

O primeiro dever é confirmar, faltando Lenin, a idéa essencial do leninismo: a aliança da classe operaria e da classe agricola.

O segundo dever do Partido Comunista Russo é reforçar maiormente o vinculo entre o partido e as massas operarias, sem partido. A

morte de Lenin commoveu tanto o operario sem partido como o operario comunista. Para satisfazer o testamento de Lenin devemos trabalhar de modo que os milhões de operarios, sem partido, da União dos Soviets comprehendam promptamente que se Lenin morreu, o partido por elle fundado não dissipará a sua herança. Este partido unirá com maior força os comunistas mais conscientes á massa operaria, sem partido, ignorante; ajudará ós inumeros trabalhadores a aprender sempre mais e a ter maior cultura.

O terceiro dever que se impõe aos leninistas é aquelle de salvaguardar a qualquer custo a união do partido, fundado por Lenin. O Partido Comunista é a maior obra do genio de Lenin. O que elle possuía de melhor deu ao nosso partido. Elle o cimentou com o sangue de seu proprio coração. Evidentemente o nosso partido não poderá cumprir sua missão senão unido. D'ora avante elle reagirá, com multiplicado vigor, contra todas as tentativas de ruptura de suas fileiras.

O nosso quarto dever é de mantermos o partido bolchevista militante. O partido bolchevista assim como Lenin o fez. Para isso é necessario combater desapiedadamente os que pretendem desencaminhar o leninismo e os relapsos de espirito pequeno-burguez quaesquer que possam ser suas origens.

Daremos á grande causa, que Lenin nos transmittiu, tanta devoção, prudenciã calma, energia, coragem, amor quanto elle nos deu e o melhor dos nossos sacrificios.

Nós, os marxistas leninistas do Brasil, sentimos o grato dever de relembrar essas responsabilidades, e ao lado de nossos camaradas russos, collaboramos, na realisação de nosso objectivo commum.

Spartacus.

REVISTA PROLETARIA

Numero Avulso

\$300

Assignatura (para sustentar a revista)

10\$000

Rua Conde de Sarzedas N. 17

SITUAÇÃO BRASILEIRA

Lançando um golpe de vista geral sobre a situação brasileira, vemos apenas o tumulto. Babel. Murgulhando, porém, o olhar, encontramos, apesar do chão aparente ou real, uma situação bem definida.

SITUAÇÃO PHYSICA

Territorio amplo, 58 % da superficie está coberta de matas, quando essa proporção é reduzida em países industriais, como a Alemanha e os Estados Unidos, a 23 % e a 25%, respectivamente. Deduz-se daí que o homem ainda não conhece a terra, mal desbravada; e que se trata de um país ainda selvagem, onde a barbaria da mata é mais poderosa que o esforço civilizador do homem.

A terra ainda está em formação. Largos territorios como as baixadas fluminenses e amazonenses ainda estão em elaboração, sujeitos a rectificações continuas.

ETHNOLOGICA

O homem, como a terra, ainda está em formação. Não ha o brasileiro — um typo definido. Ha uma mistura desordenada de raças e sub-raças.

O duplo chão da terra é do homem projectado sobre numerosos aspectos da vida nacional.

ECONOMICA

De um ponto de vista geral: a economia é instavel, baseada num producto secundario, o café, sujeito a todas as fluctuações do mercado, precisando do oleo camphorado dos emprestimos e valorizações. Economia agraria, economia feudal, como a da Hespanha, Persia, Syria, Mesopotamia, Japão. A industria é incipiente, reduzida ao littoral e adjacencias. Ha uma numerosa pequena burguezia rural, commercial, industrial, burocratica, procurando sempre conciliar: nos campos, o interesse dos colonos-servos com o dos fazendeiros; nas cidades, interesse dos operarios com o dos grandes burguezes industriaes. Existem 13 mil estabelecimentos industriaes, quando, nos Estados Unidos seu numero se eleva a mais de 290 mil. Ha 275 mil trabalhadores fabris, isto é, reduzido numero de elementos de progresso real; já nos Estados Unidos só a Internacional General Electric Company Inc., tem mais de 86 mil e em todo o

paiz, ha 13 milhões, enquanto a Alemanha possui 15 milhões. Existem 14 mil metallurgicos, numero revelador da pobreza da metalurgia, a verdadeira base industrial de um país — quando, na America do Norte, só as das usinas de The Baldwin Locomotive Works possuem mais de 21 mil. Ha 9 milhões de trabalhadores ruraes, isto é, a dispersão, a descentralização, o analfabetismo, a inconsciencia de classe, a servidão mediavel; já nos Estados Unidos só existem 10 milhões e 900 mil numa população de 105 milhões. Surgem as grandes distancias e a relativa pobreza das vias de comunicação. Milhares de estrangeiros que não pretendem installar-se aqui, e sim, amealhar capitais, e, depois, partir. Muitos novos-ricos formados da guerra. Milhares de brasileiros cujo ideal é a burocracia. Uma quantidade enorme de intermediarios technicos, economicos, como os quitandeiros e lojistas, politicos como os reformistas, religiosos como os espiritas e theosophos, typos que, geralmente, não possuem as qualidades dos extremos, tendo os defeitos de ámbos. Um colonialismo economico disfarçado, sob a tutela da Grã-Bretanha. A luta mortal anglo-americana pela posse do mercado...

De um ponto de vista mais estatístico: o Brasil possuía, em 1920, 13.336 estabelecimentos industriaes, para 648.153 estabelecimentos ruraes. Os primeiros valiam 1 milhão e 815 mil contos; e os segundos, 10 milhões e 568 mil contos. Os trabalhadores fabris montavam a 275.512; e os trabalhadores ruraes, a cerca de 9 milhões. Portanto, economicamente, o Brasil é um país agrario, país dominado pelo agrarismo, e não pelo industrialismo como a Alemanha.

A pequena propriedade rural não alcança sequer a decima parte do territorio: 9 %. Portanto, o agrarismo nacional é o da grande propriedade, do latifundio.

Ha quatro seculos que domina a grande propriedade: ha um seculo, apenas, que se fôrma lentamente a pequena propriedade. Portanto, a grande propriedade tem raizes profundas na historia do Brasil.

Existem 461 estabelecimentos ruraes com uma média de 59.082 hectares; e 1.207 com uma média de 15.125. Portanto, a grande propriedade é formada por 1.668 estabelecimentos. Portanto, em

648.153 estabelecimentos, os que pesam são apenas 1.668 — a minoria a dominar a grande maioria.

O numero de estabelecimentos rurais com uma média de 19 hectares é de 217.785; e com uma média de 56 hectares é de 140.094. Portanto, a pequena propriedade é formada por 463.879 estabelecimentos — dominados economicamente pelos 1.668 acima, cujos donos são os senhores da nação.

Acompanhando mais longe a centralização capitalista, rural, economica, vemos que esses 1.668 ainda podem ser reduzidos, ficando assim a nação

subjugada pelos 73 grandes estabelecimentos rurais de S. Paulo e pelos 133 de Minas. Quer dizer: são 32 milhões a trabalhar, esteril ou productivamente, são 10 milhões de proletarios a morrer de fome, para que esses 206 proprietarios tenham indigestão. E não ha questão social no Brasil, diz o sr. Epitacio. E a questão social é uma simples questão policial diz o sr. Washington Luís. Também o director proprietario de uma fabrica de Moscou, Jules Huret, disse em 1892: "Não ha questão social aqui". E, 25 annos depois o proletariado iniciava a transformação social rapida. — Karl Krieg.

Breves considerações sobre a Conferencia de Locarno.

A conferencia de Locarno retrata o temor, os receios, a ansiedade de identificar o perigo. Existe o desejo, ou que levou a effeito a conferencia com o proposito de iniciar as nações no consorcio futuro dos Estados Unidos da Europa?

Para as locubrações philosophicas de um Leibnitz ou de um Kant, para os seus idealismos apriorísticos, a formação dos Estados Unidos da Europa, era possível. Bastava pôr em pratica os seus systemas, as suas especulações harmoniosas, mas, por serem mesmos harmoniosas e bem construídas, impossiveis de se conciliarem com a vida dos povos, com a realidade palpitante da historia.

Ouve-se, de mais de um representante da conferencia de Locarno, dizer com satisfação que com a assignatura do pacto de segurança, caminha-se para a formação dos Estados Unidos da Europa. Realiza-se a conferencia com esse louvavel proposito? Sabe-se, comprehende-se que o proposito não é esse. Que significação offerece a febre armamentista do após-guerra? Depois daquella nova confirmação tragica de que os dilemmas e os appetites se cumprem pela força; depois daquella nova repetição de que os interesses das potencias são fatalmente irreconciliaveis, cada uma dellas procura pisar terreno firme a respeito de possíveis eventualidades do uso da violencia. E a conferencia de Locarno não passa disso: a necessidade de sondar os appetites, de identificar a insinuação de um perigo, de aclarar as partes brumosas e ameaçadoras de uma politica continental.

O sr. Chamberlain declara que o pacto de segurança foi levado a effeito porque todas as potencias encontraram nelle conveniencia para seus interesses. Logo, caminha-se para a formação dos Estados Unidos da Europa? Existe um ancioo desinteressado de comprehensão humanitaria? O que ha é a satisfação dos interesses de cada potencia. E pensa-se, então, muito razoavelmente, que o pacto de segurança é um pacto de negociações.

Não ha muito tempo, o Partido Comunista Hindu' fazia um appello ao proletariado inglez.— Nesse appello, eram expostos os manejos do imperialismo, a atroz sujeição politica da India e a importancia que como mercado esta tinha para a vida da Gran Bretanha. Pedia, alfim, ao proletariado inglez o seu apoio. Não somente — dizia o appello — é preciso deixar de solidarizar-se com a politica imperialista da burguezia, mas oppôr-se ás tentativas de estrangulamento dos movimentos de libertação das colonias. "O triumpho do movimento nacionalista — accrescentava — fará a separação da India do Imperio, privará a burguezia ingleza desta vasta reserva de forças que ella projecta empregar na luta contra o proletariado inglez revolucionario. **Sem esta reserva, ella succumbirá e será iniciada a era da reconstrução socialista da Inglaterra.**"

São suggestivas as conclusões a que chega o P. C. Hindu' em um appello ao proletariado. Sem as suas colonias, sem seus mercados e sem os seus intercambios, não passaria, realmente, a Gran Bretanha, de um ser sem extremidades e sem membros, fálho de vida, de sustento, de luz. Em sua lhota, com sua superpopulação e sua super-produção, seria forçada a afogar-se catastrophicamente. São precisamente essas conclusões que toldam o futuro politico da Inglaterra. Perder as suas colonias em virtude de um impulso revolucionario, é o seu pesadello. E já não é só o receio do nacionalismo da India e do Egypto. E' a confirmação dessa maré de rebeldia, que nos ultimos acontecimentos da China tomou proporções desmedidas.

E' necessario localizar os males, afim de os combater. De onde provém, para a Gran Bretanha, esse nacionalismo ameaçador, esse despertar clarividente dos povos asiaticos? Ella o localiza na influencia bolchevista, no governo de Moscou. E é para elle que hoje dirige todos os seus ataques, por empunhao diplomaticos, e em parte economicos. — com o desejo de agonial-o, de inutilizal-o. A conferencia de Locarno não foi mais que um reflexo dessa tendencia, desse desejo de odio e de belligerancia que a anima contra o governò dos soviets.

Atribuir ao governo dos soviets os males que acarreta o imperialismo em si, é, sem a menor dúvida, descarregar equívoca e radicalmente — e não por desconhecimento de causa — uma responsabilidade. Atribuir ao governo dos soviets, — por exemplo, os disturbios da China e o fomento do nacionalismo nas colonias, é não querer reconhecer que os males provêm, não de influências exteriores, mas da conformação económica e social da Gran Bretanha. O governo dos Soviets, com sua política já traçada de acudir em auxílio dos povos débeis e sujeitos, de proclamar o seu internacionalismo e a necessidade revolucionario, exercerá sua influencia e prestará seu apoio; mas, o que nunca poderá fazer será formar as causas que originam os males. Ellas residem na convivencia social, no imperialismo, nas relações economicas que regem o destino da Gran Bretanha. A grande crise economica interna, a decadencia de muitas industrias, as sublevações coloniales, a direcção do proletariado, do trade-unionismo para a linha syndical de Moscou, por necessidade — e por comprehensão — de esquerdismo, de energias e de meios de força, por causa da mesma grave situação economica, todos estes são os males. Males inevitáveis, fataes. Males que têm suas poderosas, genuinas e intrinsecas razões de ser. Para que falar do governo de Moscou?

Antes de praticar a cura, é necessario, sem dúvida, determinar o mal. Mas, está o mal no governo de Moscou? Assim o julga a Gran Bretanha; e a sua politica actual encaminha-se a isolar o que para ella é o tumor canceroso que gangrenaria todo o seu organismo; isolar a Republica dos Soviets por meio da frente unica economica, diplomatica e militar. A conferencia de Locarno, patrocinada pela Gran Bretanha, não tem sinão esse objectivo.

Onde se achava, para a Inglaterra, a difficuldade na integração da frente unica? Na Alemanha. Era necessario o ingresso indefectivel da Alemanha na Liga das Nações, com a accepção dos estatutos da mesma e por consequencia do artigo 16, o que quer dizer passagem livre de forças anglo-francezas pelo territorio allemão no caso de uma eventual inflagração com a Russia. E afim de inclinar a Alemanha a entrar para a Liga, iniciou a sua sempre habitual politica com a França. Fez com que esta attendesse ás reivindicações da Alemanha, abrandando a rigidez do tratado de Versalhes, até tal extremo, que um anno antes, sómente, teria parecido um sonho tal flexibilidade. Assim, comprava-se a vontade allemã. Mas, a Alemanha devia ter pesado minuciosamente as suas decisões. Não podia deixar de ter a noção exacta de que o seu ingresso na Liga das Nações, com a accepção do artigo 16 dos seus estatutos, equivale a formar na frente unica contra a Russia dos Soviets, malquistando a sua amizade e a sua consideração. Outra não é a causa pela qual a questão das fronteiras orientaes teve uma rapida solução, no conjunto dos problemas a tratar na conferencia de Locarno, sendo a primeira a ser resolvida, a de mais facil interpretar, a de menos aspezuras. E' natural; ali não residia o "quid". As fronteiras orientaes e o ingresso da Alemanha, sobretudo, na Liga das Nações "that is the question".

Com uma frente unica de que participasse a Alemanha, a Inglaterra sentir-se-ia á vontade num caso de romper as relações com a Russia. Já não titubearia em face de um discurso como o de lord Bridgeman na Camera dos Commons; já não precisaria por reparos de dois votos em seu gabinete para romper as relações. Não é de nenhum modo aventureoso pensar que si a frente unica estivesse formada quando lord Bridgeman fez sua declaração pedindo a ruptura de relações, o gabinete tel-o-ia feito com toda a satisfação, com a maior solicitude.

E' possivel falar de um pacto de segurança que envolve a futura formação dos Estados Unidos da Europa, o desejo da paz, o proposito de regenerar as nações introduzindo-as em uma era de tranquillidade, quando a conferencia de Locarno não se reuniu sinão com o ostensivo proposito de formar uma alliança, adulando os appetites e os interesses da Alemanha, para iniciar, não uma era de paz e de tranquillidade humana, mas uma união de força e de violencia, de odio e de rivalidade, contra as republicas dos Soviets? Isso é a paz? E' isso o que tão ufanamente chamam o principio dos Estados Unidos da Europa? A conferencia de Locarno não foi sinão o convenio transitorio de interesses e de appetites eternamente irreconciliáveis dentro das divalidades imperialistas, um convenio temporal com seus compromissos momentaneos. Amanhã, quando as perspectivas politicas de hoje, se transformem e tomem novas direcções e distinctas perspectivas, os actuaes convenios por não satisfazerem este ou aquelle interesse desaparecerão. Por enquanto, é bom notar a habil politica da Inglaterra que através de uma grosseira patranha, de engenhosas hypocrias, logra patrocinar a conferencia de Locarno, levá-la a cabo, e iniciar os arranjos para seu fim primordial: a frente unica contra a Russia dos Soviets.

Nas actuaes circumstancias, pôde pensar-se nos Estados Unidos da Europa? Tem sido a mais fallaz das hypocrias indicar a Conferencia de Locarno como expoente de um sincero, de um claro e verdadeiro anhel de paz.

Enquanto exista uma Liga das Nações sob a fécula falsamente velada da Inglaterra e da França; enquanto exista o imperialismo que necessita dos povos débeis como fluxo para se manter; enquanto existam as monstruosas rivalidades economicas neurasthenicas de hegemonia; enquanto, emfim, a vida das nações se desenvolva dentro do capitalismo com todos os seus phenomenos e caracteristicos é insensato ou refinadamente hypocrita falar de paz.

D. S.

A classe operaria é o vehiculo da Revolução.

LENINE

A "BIBLIA"... DELLES

SUA ORIGEM

Quando o sr. Albert Thomas por aqui andou propagando a Organização Internacional do Trabalho creada pelo tratado de Versalhes e o departamento de que é director, costumava sacar da algibeira alguns papéis que exhibia ante o olhar inexpressivo de seus ouvintes. Apresentava-lhes, então, invariavelmente, um folheto a que, invariavelmente, chamava com artificiosa simplicidade, — "Nossa Biblia" e, sem se dar ao trabalho de o lèr, comprazia-se em indicar-lhe o conteúdo; a parte XIII daquelle tratado, precedida do fragmento comprehendido sob a letra a) no artigo 23 delle.

Como, entre nós, o commum da gente desconhece por completo o texto daquelle tratado, a idéa corrente, ainda entre os mais letrados intellectuaes da burguesia, a respeito de suas disposições relativas á organização do trabalho, é uma idéa sufficientemente vaga que permite alludir a ellas quando isto parece de bom tom, como se a méta das aspirações operarias estivesse allí.

Quem, no Brasil, consultar a opinião que as camadas burguezas formam, geralmente, do tratado de Versalhes, verificará facilmente que ella se apoia, quasi uniformemente, em duas noções contradictorias: a de que aquelle tratado é um instrumento de oppressão, creado pelo imperialismo vencedor da grande guerra contra o imperialismo vencido, e a de que foi elle o creador da "Liga das Nações", — apparelho destinado á realisação da paz entre os povos. Mesmo os que, por experiencia ou por scepticismo, perderam ou vão perdendo a confiança nesta "missão" da Liga, conservam a supposição de que, relativamente á organização internacional do trabalho, pelo menos, o apparelho montado em Genebra é o que se pode desejar e, o que é perfeitamente comico, a supposição de que a simples existencia daquelle apparelho constitue ameaça permanente contra a economia capitalista.

O proletariado, ao contrario, torna e deve formar, sobre elle, outra opinião. Sabe como surgiu, conhece-lhe os precedentes, os fins politicos, confessava-lhe de seus creadores e de seus defensores actuaes. O proletariado não tem, não pode ter illusões a respeito disto.

Qual deve ter sido, realmente, o proposito dos negociadores da paz quando, em 1919, o instituíram?

Se nos devessemos ater ao texto do tratado, teriamos de reconhecer que, naquelle ponto, o intuito de seus signatarios foi o de assentarem na justiça social a estabilidade da paz. A sciencia official, quando se não consome em dithyrambos ao humanitarismo dos que, pela primeira vez, proclamaram os "Direitos do Trabalho" num tratado de paz, procura circumspectamente explicar a novidade, salientando a parte preponderante que teve o trabalho durante os quatro annos de

guerra e o sacrificio do operariado, durante elles, nos paizes belligerantes. A organização internacional do trabalho terá sido, segundo ella, a resultante logica do regimen de excepção creado em consequencia da lucta e terá correspondido á necessidade de prevenir o descontentamento possivel do proletariado.

Entre os fins declarados da "Sociedade das Nações" está o de "esforçarem-se seus membros por garantir e manter condições de trabalho equitativas e humanas para o homem, a mulher e a creança". O preambulo da parte do tratado de Versalhes consignada ás medidas necessarias á realisação desse objectivo, declara "que a Sociedade das Nações tem por fim estabelecer a paz universal, e que essa paz não se pode fundar senão sobre a base da justiça social". Accentua "que ha condições de trabalho que implicam a injustiça, a miseria e privações para um grande numero de pessoas, o que engendra descontentamento tal que a paz e a harmonia universaes são postas em perigo". Em conclusão dessas afirmativas declara "urgente melhorar essas condições" e suggerer providencias para isto.

A rethorica de taes considerações não é de todo vasia. Mas, ninguem deve desconhecer a habilidade da diplomacia burguesa na arte de dissimular; seus representantes, só inconscientemente, seriam capazes de deixar em acto publico uma confissão de proposito que pudesse constituir uma peça de accusação contra sua politica.

É impossivel negar que a inserção de uma "carta do trabalho" no tratado de Versalhes, se não pela forma, tem, pela idéa que representa, precedentes numerosos. Estes, apreciados em sua conexão com a essencia de factos sociaes diversos, explicam muito melhor a intenção dos redactores daquelle acto do que, a letra delle.

Ainda não havia transcorrido o segundo decennio do seculo passado, quando Roberto Owen suggeriu ao congresso internacional, então reunido em Aix-la-Chapelle, a conveniencia de fixarem os Estados da Europa, mediante accordo, o limite maximo de horas do trabalho diario.

Tratava-se de uma providencia parcial, apenas, e sua inspiração parecia fóra de qualquer objectivo utilitario. Cruel e significativa foi no entanto, a repulsa da suggestão. Respondendo ao idealista escocês, não escondeu Von Genz que nenhum desejo podiam ter as potencias de tornar as massas independentes porque, do contrario, não as poderiam dominar.

Mais tarde, um economista liberal voltou, sob outra forma, á mesma ordem de pensamento.

Eram já impressionantes, por sua dureza, as condições do trabalho. Referindo-se Blauqui a sua reforma, escreveu, com a percepção de quem divisa o obstaculo opposto ao desenvolvimento da legislação operaria pelo temor de uma situação de inferioridade no campo da concurrencia industrial: "Existe só um meio de realisa-la, evitando-lhe as

consequências desastrosas: seria fazer-lhe adoptar, ao mesmo tempo, por todos os povos industriais, expostos à concorrência exterior."

Não foi da protecção do trabalhador, pura e simples, o de que principalmente se entrou então, a cogitar em cada paiz, mas, de subordinar-a aos supostos interesses da propria produção industrial. D'ora em diante foi este o ponto de vista em que tiveram de collocar-se os propugnadores da uniformização internacional das leis do trabalho. Foi elle, em 1840, o ponto de vista de Villermé quando traçou o "Quadro do estado physico e moral dos operarios empregados nas manufacturas de algodão, de lan e de seda"; foi o de Daniel Legrand, nos successivos apêllos que, de 1841 a 1857, fez a diversos governos. Em quasi todas as tentativas semelhantes que se multiplicaram, depois, foi a concorrência industrial o facto dominante a que ficou presa a idéa da internacionalização das leis do trabalho.

Ainda que relativamente infundada a objecção que os adversarios da regulamentação do trabalho faziam derivar, contra ella, da inferioridade a que, necessariamente, se arriscaria a industria nacional, se outros paizes não adoptassem o mesmo regimen legal, transformou-se em argumento favorável à internacionalização. Para uns, a principal vantagem desta estaria em remover aquella objecção; para outros, sua vantagem estaria em afastar aquella possível inferioridade, compellendo os Estados de legislação operaria incompleta a um progresso igual.

Mas, enquanto pareceu materialmente facil a ampliação do mercado internacional, a attitude dos paizes industriaes da Europa em face dos projectos daquella internacionalização, foi, ora de evasivas, ora de opposição formal. Até os ultimos annos do seculo XIX, a rivalidade que domina a produção naquelles paizes alimenta-se da esperança de um alargamento de seus mercados. Tal perspectiva oppunha-se a um entendimento entre os concurrentes. O que, durante muito tempo, anima cada um delles é a preoccupação de achar consumidores, a possibilidade de adquirir uma situação melhor no campo das competições, ainda que sacrificando o elemento operario à sede dessa vantagem. Foi custoso convencerem-se de que na elaboração das leis do trabalho, ser-lhe-ia impossivel retroceder, ser-lhes-ia, mesmo, difficil uma parada.

Assim como a philanthropia de Owen e a clarividencia de outros não lograram acolhida nas espheras do poder, o idealismo e a tenacidade de Legrand quebraram-se contra a má vontade dos governos burgueses.

A reacção contra as concepções do Eberalismo economico, posterior a 1870, em vez de aconselhar immediatamente aos homens de governo uma politica de harmonia internacional sincera, lançou-os no desregramento do imperialismo.

E' instructivo observar como a persistencia das manifestações em pró da internacionalização das leis do trabalho contrasta com a resistencia dos governos à idéa.

Em 1881 o Conselho Federal suizo procura sondar a opinião de alguns governos sobre a possibilidade de entrarem em negociações para o estabelecimento de "uma legislação internacional sobre fabricas". A recusa da Franca é categorica: o papel do Estado não é intervir nas relações entre patrões e operarios; com mais forte razão

não podia o governo estar disposto a um compromisso de ordem internacional sobre o assumpto. Sustentando a inoportunidade de tal medida e as difficuldades de sua applicação, a Inglaterra e a Alemanha manifestam-se no mesmo sentido. A resposta da Italia e da Austria importam numa recusa, taes as reservas que contém.

Em 1871, tentara Bismark um accordo entre a Alemanha e a Austria, mas, em 1885, em discurso que proferiu perante o Reichstag, conclue pela impossibilidade pratica de uma regulamentação internacional do trabalho.

Em 1885, a Camara dos deputados, em Franca convida o governo a preparar a adopção, de uma lei internacional de protecção operaria, mas, ainda sob a ressalva de dever faz-lo "sem prejuizo para a industria nacional". Alguns deputados, entre elles Camelinat, o magnifico sobrevivente da Communa de Paris, offerecem, posteriormente, aquella mesma camara, um projecto de lei favoravel à iniciativa do governo suizo para o mesmo fim. Nunca, porem, esse projecto é dado à discussão.

Em 1888, repete-se a iniciativa do governo suizo. A Russia, convidada, recusa-se formalmente.

A conferencia que Guilherme II, avocando aquella iniciativa, conseguiu reunir em Berlim, em 1890, representa ainda um insuccesso real para a internacionalização das leis do trabalho. Referindo-se a ella, dirá, depois, o senador Tolain: "O governo francez considerou sempre e exclusivamente a reunião da Conferencia como um meio de fazer-se um inquerito sobre a condição do trabalho nos Estados participantes e sobre os desejos da opinião a esse respeito, mas, nunca entendeu fazer della, pelo menos por enquanto, o ponto de partida para compromissos internacionaes".

Quem, mais de vinte annos depois, nos dias immediatamente anteriores à grande guerra tenha feito o balanço dos resultados obtidos no tocante à uniformização das leis do trabalho, terá verificado que tudo se reduzia a duas convenções restrictissimas: uma relativa à interdição do trabalho feminino durante a noite, nas industriaes; outra relativa ao emprego do phosphoro branco no fabrico de phosphoros. Mas, o nada que isto representa, serve para indicar a mudança de directriz poeada na attitude de alguns governos.

Quando, firmado o armistício, os negociadores da paz se deifrontaram na Conferencia de Paris, a internacionalização das leis do trabalho, em vez de apresentar-se a seu exame como um problema, impoz-se à consideração delles como solução de outros. Presentia-se que o cylo de expansão colonial da velha Europa havia sido virtualmente transposto. Toda a produção mundial tornára-se objecto de permuta em um mercado internacional, agora perfeitamente definido. Dous concurrentes novos haviam surgido e conquistado rapidamente uma situação de igualdade, se não de superioridade: os Estados Unidos e o Japão. Paizes outr'a todos em consideração, quasi exclusivamente, por sua capacidade de consumo, appareiam lançados na manufactura e na grande industria. Uniformizar, nestas condições, as leis do trabalho, freiar a exploração deste, por meio de um concerto internacional, tornára-se uma necessidade. No interesse do proletariado? — Não; no interesse do capitalismo; no interesse, principalmente, do capital financeiro que encaieira toda a produção. A superioridade a que, acaso, pudes-

sem aspirar os saleres das indústrias incipientes, graças ao custo menor da produção, pela falta de um regulamento do trabalho, logo que sua capacidade industrial crescesse, teria de esbarrar no regimen da internacionalização.

Tanto mais fácil seria tudo isto quanto, como tem sido soberbamente assignalado, a legislação operaria em quasi todos os países da Europa havia realizado um progresso quasi uniforme.

A tão poderoso interesse, accrescia o temor de uma subversão geral. O antigo imperio dos Czars, transformado em uma união federativa, sob a dictadura do proletariado, constituiu espantallo a que era preciso fugir. O deputado a quem coube na Camara Federal relatar perante a commissão de diplomacia a parte do tratado de Versalhes relativa á organização internacional do trabalho, não pôde occultar a verdade. Eis o depoimento deixado á historia pela inepcia parlamentar: "... o problema do trabalho" disse aquelle deputado, "adquiriu no momento um caracter de acuidade e premencia que perigoso se tornava

proteger-lhe a solução. Era mister que o dia da assignatura da paz entre as nações belligerantes não fosse a vespera de uma tremenda revolução; que o maximalismo russo não encontrasse adeptos no occidente; que regressando das trincheiras, os soldados operarios não se dispuzessem a obter, por meios tumultuarios e violentos, as vantagens moraes e materias a que se julgam com direito e de que têm sido privados por uma defeituosa organização da nossa Sociedade."

A "Biblia" delles é, portanto, fructo da conveniencia e do medo, ao mesmo tempo. Veremos a burla que se deve a esta dupla inspiração (1).

CASTRO REBELLO

(Continua)

1 — BIBLIOGRAPHIA: ERNEST MAHAIM, *Le droit international ouvrier*, Paris, Recueil Syrey, 1913; ALBERT VABRE, *Le droit international du travail*, Paris, Marcel Girard, 1923; LEGISLAÇÃO SOCIAL in Documentos Parlamentares, vol. 2°.

CORRESPONDENCIA:

Ao operario em fabricas de tecidos Ao Proletariado em Geral

O proletariado do Brasil, parcella do proletariado internacional, atravessa uma situação difficil. O Partido Communista — primeiro e unico partido operario do Brasil — vanguarda desse proletariado, não poderia silenciar tal situação.

AS ORIGENS

A situação de miséria que atravessamos tem suas origens nos factores seguintes: a conflagração européa, fructo da rivalidade imperialista entre o capital allemão e o capital anglo-franco-americano; a alta dos preços em consequencia da ambição capitalista; a desorganização da produção — uma das características do regimen actual; a incapacidade da burguezia internacional para administrar a sociedade; a incapacidade da burguezia nacional, sem visão economica e politica; a impossibilidade de conciliar os nossos interesses de trabalhadores com os interesses do patronato; a revolta pequeno-burguezia de julho contra os fazendeiros de café, revolta que accentuou ainda mais a incapacidade da burguezia para dirigir a nação; a luta entre a burguezia agrária e a burguezia industrial.

A SITUAÇÃO, TEXTIL ACTUAL

Na fabrica Alliança nossos companheiros estão trabalhando 4 dias na semana. Nos cinco estabelecimentos da America Fabril, o trabalho está limitado a 4 dias. Em algumas secções da fabrica Corcovado, os operarios trabalham 5 dias, mas na maioria trabalham apenas 4. Na fabrica Botafogo, 4 dias. Em Bangu, os patrões propuzeram aos operarios trabalharem 6 dias perdendo, porém, o augmento de 10 %, proposta que foi recusada.

Emquanto isto, o cottonificio Gavca está funcionando 6 dias na semana. E o Moimho Inglez,

alem de duas turmas, augmentou 10 % sobre os salarios. Isto prova que essa redução dos dias de trabalho é puramente artificial.

As fabricas filiadas ao Centro de Fiação e Teclagem estão trabalhando 3 e 4 dias. E as fabricas filiadas ao Centro Industrial estão com o serviço normalizado. Isto confirma o caracter artificial dessa redução dos dias de trabalho.

Em Juiz de Fora, as malharias Stiebler e Santa Cruz, a Industria Mineira, a Sarmento e muitas outras estão sob o regimen dos serões. Isto accentua ainda mais a nossa affirmação relativa ao caracter artificial da redução dos dias de trabalho.

EM OUTRAS INDUSTRIAS

Na metallurgia o patronato quer reduzir os salarios e augmentar as horas de trabalho. Em varias fundições e fabricas de calçados, os operarios têm sido despedidos em quantidades crescentes. Em S. Paulo, com a crise da energia electrica, a situação do proletariado tornou-se mais critica. Os ferroviarios estão ameaçados de perder suas insignificantes melhorias.

O unico jornal que nos defendia de facto A CLASSE OPERARIA — foi fechado pelo governo só porque atacou o socialista Albert Thomas. Vivemos a mercê de todos os accidentes, como o acaba de provar o desditoso companheiro Caetano Simas, das officinas do Engenho de Dentro, esmagado por uma roda de trem. As greves são perdidas por causa da intervenção directa da policia, isto é, do Estado burguez, ao lado do patronato. Isto prova que a luta economica é inseparavel da luta politica. Prova que o Estado é o orgão de uma classe para esmagar outra classe. E prova que o Estado burguez tem por fim reprimir os movimentos da classe operaria, assegurar a solidéz do modo capitalista de produção e fazer do

regimen actual uma bomba aspirante e premente, sob alta pressão, por meio da qual os capitalistas arrancam dos trabalhadores o maior lucro possível.

A OFFENSIVA DA BURGUEZIA

Estamos, pois, deante de uma offensiva dos capitalistas contra nós trabalhadores. Ora, é fundamental respondermos a essa offensiva por uma offensiva nossa porque, como diz Lenine, não temos o costume de responder aos nossos inimigos defendendo-nos mas sim atacando-os. Mas, para atacar, precisamos ter tropas organizadas, ter as massas ao nosso lado, ter um pensamento unico e uma acção unida, homogenea. Precisamos basear a nossa acção em organizações syndicaes fortissimas e num Partido Comunista com uma disciplina de ferro para dirigir essa luta. Precisamos atacar o inimigo por todos os lados, descobrir suas barreiras, desmascaral-o em seus sophismas. Precisamos comprehender a essencia da batalha actual. Precisamos dar a maior amplitude possível á nossa luta, abarcando o maior numero de trabalhadores, jogando no seio da batalha contra o capital as mais vastas massas trabalhadoras, unidas, cohesas, solidificadas num bloco de aço indestructivel. Precisamos metter na luta os trabalhadores fabris, os trabalhadores dos transportes terrestres e maritimos, e o grosso dos operarios agricolas e lavradores pobres.

Toda a batalha parcial será uma derrota. Só a concentração de todas as forças operarias nos dará o triumpho. Eis o segredo da recente victoria dos mineiros inglezas, dirigidos pelo communista Cook.

Por ultimo, precisamos entrar na luta com firmeza, com serenidade. "Não precisamos de entusiasmo hysterico; precisamos sim da marcha cadenciada dos batalhões de ferro do proletariado", diz o major mestre da tactica proletaria, o nosso mestre genial Lenine.

A OFFENSIVA PROLETARIA

Iniciemos nossa offensiva no terreno do pensamento.

O Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão, no memorial de 28 de setembro, ameaça o chefe dos fazendeiros de café com a dispenza de 30 mil operarios.

Esta ameaça é, antes de tudo, um jogo politico. Descubramos, aos olhos das massas, as baterias do inimigo.

O elemento mais importante da produção nacional é o café. Quer dizer: a economia do Brasil é dominada pelo café. Portanto, a politica do Brasil é dominada pelo café, quer dizer, pelos fazendeiros de café. Portanto, o presidente da republica é o chefe politico dos fazendeiros de café. Os dois Estados grandes productores de café são São Paulo e Minas.

Mas a politica financeira de S. Paulo é uma e a de Minas é outra. S. Paulo quer a inflação, isto é, o abarrotamento do mercado com o dinheiro de papel: isto facilita os negocios, dá margem á audacia commercial e industrial. Minas, porem, quasi sem industria, com uma burguezia de horizontes estreitos, quer a deflação, isto é, a redução do papel moeda ao minimo.

Sampaio Vidal e Cincinato Braga representavam a politica paulista; foram aliados. Mario Brant e Antonio Carlos representam a politica financeira de Minas; estão de pé. "O Jornal", orgão da burguezia industrial, faz opposição a esta politica.

A inflação favorece a industria: eis porque os industriaes, sem a facilidade dos redescontos, vindo o Banco do Brasil e os outros bancos retraidos, e escasso o dinheiro de papel, desgostam-se da politica mineira e ameaçam o presidente da republica com a parada das fabricas. Eis ahi o jogo politico dos industriaes.

Os industriaes não transformarão a ameaça em realidade porque 30 mil operarios sem trabalho constituem um material revolucionario precioso. Industriaes e fazendeiros prefeririam collocar de lado suas brigas a consentir a effervescencia dessa massa e sua chieira por uma vanguarda operaria capaz — pelo Partido Comunista. Mas, por outro lado, é preciso fazer os chefes dos fazendeiros de café tremerem. Eis um dos factores da redução actual dos dias de trabalho: jogo politico dos industriaes contra os fazendeiros, luta entre o industrialismo e o agrarismo burguez.

Outra causa reside no seguinte: os operarios sujeitaram-se aos serões continuos; houve superprodução; os depositos ficaram abarrotados de mercadorias. E, agora, os capitalistas querem que essas mercadorias se escoem para que a produção volte á normalidade.

Mais outra causa: os capitalistas auferiram lucros fabulosos nesses ultimos annos; e não querem sujeitar-se a uma redução nesses lucros.

Ainda outra: o cambio actual favorece a concurrencia da industria estrangeira. Os industriaes do Brasil temem a concurrencia estrangeira.

Tudo isto prova que as desgraças actuaes do proletariado são devidas á sua falta de organização economica e politica; organização das massas nos syndicatos e organização da vanguarda no Partido Comunista.

OS SALARIOS E O CUSTO DA VIDA

Sagundo a opinião insuspeita do secretario geral do Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão, de 1913 para cá os nossos salarios de trabalhadores augmentaram 150 00. Quer dizer: augmentaram o duplo mais a metade.

O custo da vida augmentou muito mais: os 14 ou 15 generos alimenticios mais importantes, se custavam 100 em 1913, passaram a custar 237 em 1925. Quer dizer: segundo os proprios calculos da burguezia, os salarios augmentaram do duplo mais a metade; e os generos de primeira necessidade augmentaram do triplo mais a metade. Quer dizer, portanto: o salario actual, apesar de ser 2 1/2 vezes maior, tem um poder de compra inferior ao salario de 1913. Estamos, pois, realmente ganhando menos que em 1913.

A realidade, porém, ainda é peor para nós. O augmento de 150 00 nos salarios não é geral e, assim, a nossa situação ainda é mais tragica. Além disto, o calculo acima da carestia refere-se apenas aos generos alimenticios. Nelle não ha a menor indicação a respeito da roupa e, especialmente, da casa. Só esta ultima bastaria para devorar os nossos magros salarios se não tivessemos recorrido aos barrações e aos suburbios longinquos.

Poderíamos ganhar mundos e fundos, e nada adiantaríamos, dada a elevação dos preços. Para que os salários actuaes tivessem o mesmo poder de compra que os salários de 1913, teria sido preciso que estes ultimos salários tivessem augmentado 3 1/2 vezes. Isto é: o operario que regulasse ganhar 6\$, deveria estar recebendo 21\$. Ora, tal augmento não se deu em parte alguma. Assim, podemos formular a nossa these: os salários actuaes, nominalmente são superiores, mas, na realidade são inferiores aos salários de 1913, visto que têm poder de aquisição inferior.

Convem salientar que, em carestia, o Brazil é o 3.º paiz do mundo. Eis ahí quaes são as glorias do Brazil!

OS LUCROS

Os lucros têm augmentado de tal fórma que os fazendeiros de Minas chegaram a abandonar a lavoura cafeeira pelo plantio de algodão e estabelecimento de fabricas de tecidos.

A CLASSE OPERARIA, n.º 7, referiu-se a um relatório do secretario commercial da embaixada inglesa no Rio. Segundo este senhor, os lucros medios annuaes dos accionistas e donos de fabrica são de 50 0/0 e até mais.

O organ da burguezia commercial inglesa "Manchester Guardian", de 6 de agosto, referindo-se à industria paulista, diz que, a despeito da revolução de julho, a média dos lucros de 100 companhias foi de 40 0/0 e o dividendo de 11 0/0, enquanto as reservas attingiam 80 0/0. Em 16 fabricas de tecidos, o lucro medio attingiu 58 0/0 e houve uma fabrica cujo lucro foi de 150 0/0 — numero formidavel. Mas o que ha de mais grave no "Manchester Guardian" é a confissão seguinte: "a lição a deduzir do estudo desses algarismos é que, mesmo na hypothese de se verificar uma melhora nas taxas cambias, os fabricantes locais continuarão em situação de enfrentar a concurrencia estrangeira, podendo para isso reduzir consideravelmente os seus preços, e ainda assim obterem lucros bastante apreciaveis, lucros esses muito acima daquelles obtidos por empresas manufactureras na maioria dos paizes, no correr destes ultimos annos."

Esplendida confissão! Muito obrigado, srs. redactores do "Manchester Guardian"!

Especificando os lucros de 1924, diz a revista da Camera de Commercio Britannica de S. Paulo, em seu numero de maio de 1925, que as Industrias Reunidas F. Matarazzo, com um capital de 21 mil contos, lucraram 21.562 contos, isto é, 102 0/0; a Fabrica de Ferro Esmaltado Silex, com um capital de 1.000 contos, lucrou 1.057 contos, isto é, 105 0/0; a Cia. Parque da Mooca, com um capital de 1.200 contos, lucrou 1.288 contos — 107 %; a Cia. Agricola Aurora, com 700 contos de capital, lucrou 758 contos — 109 0/0, além de 239 0/0 de dividendos; a Cia Mechanica e Importadora, com 10.000 contos de capital, lucrou 11.590 contos — 115 0/0; a Cia. de Fiação e Tecidos S. Carlos, com um capital de 500 contos, lucros 1.335 contos — 133 0/0; e a Companhia Douradense Commissaria de Café, com 500 contos de capital, lucróu 800 contos — 160 0/0.

Kolossal!

Ora, a situação dos industriais do Rio e dos outros Estados é a mesma dos industriais de São Paulo.

A America Fabril — agora a reduzir os dias de trabalho — tinha um capital de 400 contos em 1885. E tem hoje, um capital de 32 mil contos além de 45 mil em reservas. Seu balanço de 31 de dezembro de 1924 accusou o 52.º dividendo no valor de 2400 contos e o balanço de 30 de junho de 1925 accusou o 53.º dividendo no mesmo valor.

A Companhia Alliança augmentou o capital de 9 para 12 mil contos. A Bangu' distribuiu 900 contos de dividendos no 1.º semestre de 1925. A Confiança Industrial já pagou o 69.º dividendo, no valor de 720 contos. A Industrial Campista distribuiu 180 contos de dividendos semestraes, além de 750 contos de lucros suspensos. A Sapopemba accusou 3645 contos de lucros suspensos.

A Santo Aleixo produziu 400 contos de lucros. A Companhia S. João paga 4 contos mensaes a seu director presidente Afonso Vizeu. A Corcovado já pagou o seu 49.º dividendo. Pereira Carneiro, incluindo a fabrica de tecidos accusa 8609 contos no balanço de junho de 1925.

A SOLUÇÃO

Para resolver a situação actual, precisamos:

- 1.º desmascarar o patronato espalhando o mais possível este manifesto;
- 2.º unir, numa frente unica, os trabalhadores fabricis, dos transportes e da lavoura;
- 3.º organizal-os poderosamente nos syndicatos;
- 4.º conquistar a legalidade para o Partido Comunista;
- 5.º crear um Partido Comunista com dezenas de milhares de adherentes dirigindo centenas de milhares de trabalhadores;
- 6.º ter jornaes proprios que defendam os nossos interesses do ponto de vista da luta de classes;
- 7.º não responder á situação actual com greves parciais porque teriam como resultado o lock-out e o enfraquecimento de nossas forças;
- 8.º comprehender que a luta contra o patronato é inseparavel da luta contra o Estado;
- 9.º comprehender que a luta contra os capitalistas do Brazil é inseparavel da luta contra o imperialismo internacional;
- 10.º comprehender que a luta contra o imperialismo é inseparavel da luta contra o socialismo reformista, seu alliado;
- 11.º comprehender que a nossa victoria no Brazil depende da situação do proletariado russo e de todo o proletariado internacional.

Assim lançamos ás grandes massas as nossas palavras de ordem:

Abaixo a crise inventada pelo patronato! Nenhuma redução nos seis dias de trabalho! Nenhuma redução nos salarios! Dia de 8 horas para os trabalhadores! Frente unica do proletariado industrial e agricola! Legalidade para o Partido Comunista!

Abaixo o Partido Republicano, partido dos fazendeiros de café! Abaixo os capitalistas do Brazil e os seus patrões imperialistas internacionaes! Abaixo o socialismo reformista! Viva o proletariado internacional! Viva o Partido Comunista, guia dos 10 milhões de trabalhadores do Brazil!

Novembro de 1925.

A. C. C. E. do Partido
Comunista do Brasil.





A Revista Proletaria inicia sua publicação no dia mesmo em que morreu Lenine. E' um dia de luto para os trabalhadores do mundo inteiro.

E o apparecimento de nossa revista nesse dia quer significar mais uma profunda e comovida homenagem, de veneração e fidelidade, da classe operaria do Brasil ao seu maior defensor, ao homem immortal cujo nome se tornou uma legenda de libertação e de revolta para a immensa multidão de parias, da civilização plutocratica, para as massas acorrentadas ás cadeias azinharradas do Capital, que opprime, que mata e que corrompe — Lenine!

